



SERÁ AIMÉ CÉZAIRE UM ESTRIBILHO COLETIVO¹?

Henry Bill Mc Quade Junior²

Um rio caudaloso rumo ao mar de amar,
 Polvorosa vontade de desnudar
 Rude desejo de transformar
 Colonialismo caduco das glórias maluco
 Capitalismo fugaz de domínio sagaz
 Escancara sem pudor o longo ardor
 Da caminhada contraditória
 Estranha vitória, uma humanidade
 Sem glória, humanismo ruma perdido
 À beira de um interminável abismo
 Entre culturas despedaçadas
 Distância espessa, igualdade formal
 Realidade espelhando um mundo desigual
 Imposição, à força reflete violência
 Fere os princípios, dignidade e decência
 Jogados ao vento,
 O povo e o tormento
 A ganância e o tento,
 O teto e o reto
 Esterco e cimento
 O humanismo moderno puro excremento
 Edifício concreto sem fundamento
 Maldito racismo, maldito colonialismo
 Receba as águas sujas da história,
 Beba o sangue derrubado,
 Vampiro desalmado
 Barbárie, violência e corrupção
 De um povo civilizado
 Que vaias tua afronta

¹ A presente poesia nasceu após a leitura do livro de Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo*, obra na qual Césaire busca reler o colonialismo a partir das influências e consequências que este exerce à nível global. Este procedimento de Césaire desmascara a ideia de humanismo e denuncia a de civilização que esconde os pressupostos de dominação fruto, até certo ponto, da condição humana. O contato com o texto de Césaire, em tom de denúncia, *sem perder a ternura*, com palavras duras e intensas deu à luz carregada de inspiração a uma forma de expressão em harmonia com a estrutura textual encontrada no texto de Césaire. Poesia entranhada de história e revolta com a condição infligida ao humano, mas que leva consigo a esperança no amor, na capacidade do ódio e na compreensão da dor para desnudar as contradições fetichizadas da civilização que pretende ser a realidade rumo a um fim transforma – dor.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul.



Se afogue em tua pompa
Pois as armas da revolução
Já estão prontas:
Poesia e amor,
O combustível

até

o

fim

Transforma (dor).